

ARTIGO

NIETZSCHE: UMA ANÁLISE DAS CONFERÊNCIAS *SOBRE O FUTURO DE NOSSO ESTABELECIMENTO DE ENSINO*

Camila Sampaio Moreira

Licenciada em Filosofia pela UVA
milinhasilva07@hotmail.com

Resumo: Abordaremos algumas questões vislumbradas por Nietzsche na área da educação contidas em seus Escritos sobre Educação. Embora pouco reconhecido na área pedagógica, o mesmo elaborou severas críticas ao ensino educacional de seu tempo, voltando-se exclusivamente ao modelo pedagógico da modernidade como um todo como algo a ser ultrapassado em busca de uma verdadeira formação (*Bildung*).

Palavras-Chave: Educação. Ensino. Filosofia.

INTRODUÇÃO

De 16 de janeiro a 23 de março de 1872, o jovem Nietzsche proferiu cinco conferências sobre educação na Sociedade Acadêmica da Basileia, na Suíça, sob o título Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino. Tais textos pertencem a seu período de juventude onde ele acaba de completar 27 anos. Embora pouco conhecido na área da educação, o filósofo elaborou severas críticas ao modelo educacional de seu tempo.

Sabe-se que, a partir dos Arquivos Nietzsche na Alemanha, os italianos Giorgio Colli e Mazzino Montinari organizaram a edição das obras completas de Nietzsche para o alemão, francês e italiano. Mas ainda hoje não temos uma edição das obras completas em português, sendo ofertado apenas a edição de algumas obras mais famosas e, recentemente, algumas coletâneas específicas e escritos póstumos. Motivo pelo qual utilizamos em nosso estudo a versão brasileira dos escritos de Nietzsche sobre educação.

Sobre essa edição é bom salientar que Noéli Correia de Melo Sobrinho traduz do francês para o português, a partir da edição Oeuvres philosophiques complètes estabelecida por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. No entanto, o tradutor vale-se também de uma versão em espanhol, disponível no site Nietzsche em Castellano

(<http://www.nietzscheana.com.ar/>), e também da versão de fragmentos publicada na Coleção Os pensadores como Nietzsche: Obras Incompletas.

A supracitada tradução de Noéli, intitulada Escritos sobre Educação, não fora organizada por Nietzsche, mas é uma escolha que o tradutor faz por organizar os ditos e escritos mais específicos deste filósofo sobre o tema da educação, divididos em três partes: a primeira é dedicada às conferências Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, a segunda é composta da III Consideração Intempestiva: Schopenhauer como educador e, a terceira consiste de um “Anexo”, que envolve um conjunto de fragmentos póstumos e aforismos que ele compôs ao longo de sua vida sobre temas ligados a educação. Em nosso caso, focamos nas conferências, pois as mesmas representam uma prova incontestada da preocupação nietzschiana com a questão pedagógica.

Dessa forma, iremos analisar as cinco conferências Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, que, embora tenham sido proferidas em dias diferentes, se complementam. O tom geral das conferências de Nietzsche que serão abordados nesse estudo é de profundo desencanto com o estado dos estabelecimentos de ensino, seja a escola técnica, o ginásio, ou mesmo a universidade. A razão principal da decadência do ensino estaria, segundo o filósofo, na crescente massificação do ensino.

Nosso intuito é mostrar por meio da visão do filósofo que o mesmo propõe uma nova construção no conceito educacional, baseada em grandes mestres capacitados e dotados de genialidade para que ambos pudessem edificar culturalmente seus concidadãos.

É relevante salientar que cada uma das cinco conferências de Nietzsche possui um tema central, a saber:

- 1ª. Conferência - As relações entre a cultura e a educação;
- 2ª. Conferência - O ginásio alemão como centro motor das tendências de todos os outros estabelecimentos de ensino;
- 3ª. Conferência - Causas imediatas dos desvios de tendência do ginásio alemão;
- 4ª. Conferência - Os duvidosos fins da educação e da cultura, sob o Estado cultural e o jornalismo;
- 5ª. Conferência - A universidade alemã em ligação com o ginásio.

Curiosamente Nietzsche expôs suas conferências em forma de um relato de uma experiência, o mesmo relata um encontro casual que teria tido com um filósofo e seu discípulo numa floresta às margens do Reno quando ainda jovem recém-ingresso na universidade de Bonn. Por tanto, o filósofo se valerá deste relato de sua juventude sobre seu encontro com estes dois personagens: um ancião filósofo e seu jovem discípulo. E é por meio deste diálogo que Nietzsche expõe suas conferências.

O objetivo de Nietzsche em suas conferências era forçar uma reflexão crítica nos estudantes e nos professores sobre os problemas da cultura (Bildung), da educação e do ensino alemão, levando em consideração o otimismo vulgar dos modernos, visto que o homem moderno estava esmagado e iludido por falsas necessidades, justificadas por uma falsa cultura.

Para que possamos compreender as críticas que Nietzsche faz em suas conferências sobre o modelo de educação de seu tempo é importante compreender o contexto histórico da época em que foram escritas. A revolução industrial inglesa e a revolução francesa haviam mudado o horizonte intelectual da Europa, as elites pensantes da Alemanha (contra as quais Nietzsche se coloca) perceberam que, a exemplo dos outros países europeus, o processo de industrialização e democratização era não só bem vindo, como inevitável.

Sua crítica aponta o Estado moderno como mentor e vigia armado da barbárie, onde a falsa cultura jornalística e o Estado progressista estavam aliados, com vistas aos seus próprios interesses. Os estabelecimentos de ensino reformados perdiam a finalidade original e transformavam-se em estabelecimentos de ensino voltados para a miséria, pois os mesmos estavam destruindo mediocrementemente sua cultura, formando jovens especialistas, eruditos, educados para o conformismo e submissão. De tal modo, o jovem professor de filologia clássica da Basileia sonhava com uma educação que formasse e não apenas profissionalizasse. Uma educação voltada para a verdadeira cultura, uma educação que purificasse subitamente o espírito alemão, que desce valor a sua língua materna, os seus costumes, os seus valores, enfim, uma educação para a formação e o descobrimento de si mesmo.

CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA

Nietzsche critica o tipo de educação ministrada nos estabelecimentos de ensino de sua época por perceber que esta visa formar determinados tipos de homem para servir aos interesses utilitaristas do Estado, e da ciência como um todo, de tal modo, a educação alemã segundo o mesmo, possui uma finalidade clara e limitada nas mãos dos eruditos.

Para o filósofo, a educação deveria propor-se ao cultivo do homem, por meio de uma educação que promova as capacidades intelectuais, artísticas, emotivas e físicas de cada discente: “Educação e cultura são, para Nietzsche, inseparáveis, não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apoie” (DIAS, 2001, p. 35).

A educação recebida nas escolas alemãs partia de uma concepção historicista e dava origem a uma pseudocultura, que nada mais era do que o simulacro de outras culturas. Para o filósofo, cultura e educação são sinônimas de “adestramento seletivo” e “formação de si” (DIAS, 2001, p. 36). Com base nos pressupostos afirmados, os modelos pedagógicos nas escolas alemãs eram errôneos, pois há muito havia perdido a essência de suas autênticas raízes. Segundo Nietzsche, as escolas modernas e atuais eram absurdos inadmissíveis por tratarem superficialmente de cultura, por tanto, os estabelecimentos de ensino da Alemanha exigiam um renascimento, ao invés de transformações.

Quando Nietzsche propõe falar sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino o mesmo volta-se às instituições alemãs de seu tempo, ou seja, às escolas primárias, escolas técnicas, o ginásio, e a Universidade, tidos como modelos universais jamais superados. Nietzsche foi professor de filologia (entre 1869 e 1879) e teve contato direto com a realidade educacional de sua época, o que permitiu que fizesse críticas agudas ao ensino dos estabelecimentos alemães. O que Nietzsche deseja é uma renovação nos estabelecimentos de ensino, onde se purificasse subitamente o espírito alemão, pois o mesmo encontrava-se embriagado em um modernismo subversivo, reduzindo a todo custo à cultura.

FALSA CULTURA

A falsa cultura segundo Nietzsche consiste na oposição que reduz a cultura a mero instrumento útil e funcional, ou seja, a cultura dos especialistas que obedece convenientemente a certa divisão de trabalho e de ciência. Sobre esta cultura duvidosa Nietzsche aponta em sua 1ª conferência o jornalista, tido como o senhor da modernidade que aos poucos vão substituindo aqueles que deveriam estar à frente do ensino, “os verdadeiros mestres”, pois os especialistas a cada momento substituem a cultura, divulgando suas pretensões à massa, constituindo assim como diria Nietzsche uma elevação para a barbárie cultivada. De tal modo, Nietzsche acusa o especialista de ser como um “operário de fábrica”, distante, alienado, um produtor como diria o filósofo de uma “pseudocultura”, que está mais preocupado em transmitir uma educação uniformizada, medíocre e utilitária do que fornecer uma cultura autêntica: “Os professores das escolas profissionais são os mestres científicos que depois de ter passado um tempo pela cultura voltam à especialidade” (NIETZSCHE, 2004, p. 272).

Percebemos que Nietzsche traz consigo uma forte melancolia ao observar esta cultura erudita, pois o mesmo ver nestes jovens que foram jogados nesta incultura, “miseráveis inocentes”, que só seriam capazes de se libertar se surgisse uma verdadeira instituição de cultura, que pudesse lhes fornecer os objetivos, os mestres, os métodos, os modelos, e os companheiros, e de cujo interior exalasse o sopro autêntico do verdadeiro espírito alemão.

A cultura no século XIX encontra-se a passos largos confundida com os dogmas da economia política, tendo como fim em si mesmo a utilidade, o lucro, e o maior ganho de dinheiro possível. A Alemanha, como se sabe, foi um dos últimos países europeus a formar seu Estado nacional, vivia sobre estruturas feudais ainda no século XIX, e para superar este progresso tardio, fizeram da cultura e do homem moderno reflexo do que Nietzsche identificava como a barbárie do século XIX. Esta é a cultura tecnicista que Nietzsche refuta no decorrer de seus escritos sobre educação. Segundo o mesmo, os estudantes falam e descrevem tão vulgarmente a língua alemã que nem mesmos são capazes de enxergar a mediocridade na qual estão sendo levados pela cultura de massa (cf. NIETZSCHE, 2004, p. 81). Os primeiros passos para este desligamento é tentar enxergar com olhos severos o ensino alemão do ginásio, visto que a mesma forma não

para a cultura, mas unicamente para a erudição, tomando para si uma tarefa unicamente de formar indivíduos para uma “cultura jornalística”.¹

A cultura jornalística, segundo Nietzsche, vai substituindo aos poucos a verdadeira cultura. O jornalista, “o mestre do instante”, “o escravo dos três M”: o momento presente, as maneiras de pensar (*Meinungen*) e a moda, passam com pressa e ligeiramente sobre as coisas (DIAS, 2001, p. 37).

VERDADEIRA CULTURA

O que Nietzsche defende é uma verdadeira cultura, cuja finalidade deve voltar-se para o próprio homem, um ensino que se preocupasse com a formação humana de cada ser. De tal modo na visão do filósofo, estes homens deveriam ser educados para o conhecimento de si próprios, purificando a alma, o gosto pelas suas raízes, pois conforme o pensamento de Nietzsche, a arte nasce de um impulso constitutivo da natureza, e não do indivíduo; como descreve no Nascimento da Tragédia, citado na terceira parte do livro por nós estudado: “Os espíritos apolíneo e dionisíaco correspondem a forças artísticas que brotam no seio da própria natureza” (NIETZSCHE, 2004, p. 110).

A triste causa desta pobreza de espírito que toma conta dos cidadãos alemães é a defasagem do espírito pedagógico, pois se encontra ausentes homens práticos, que esbanjem talentos realmente inventivos, que tenham ideias próprias e que sejam conscientes que a verdadeira genialidade e a prática correta devem necessariamente encontrar-se no próprio indivíduo, potencializando a força da vontade de cada homem. Mas para que isto ocorra se faz necessário que estes homens rompam com o modelo educacional recebido até agora nos estabelecimentos de ensino, portanto, poucos homens, pois a minoria que se atreve a questionar sobre tal ensino, é visto pela sociedade como os malfeitores, os revoltados, indivíduos loucos, e esta é uma atribuição dada aos filósofos, portanto, poucos filósofos, poucos homens.

Levando em consideração a triste realidade, Nietzsche nos propõe com extrema severidade um ensino rígido que estivesse à frente deste método educacional mestres

¹ Nietzsche via assim a cultura de massas, perpetuada pela educação tanto quanto pelos jornais, como sendo, além de um corrosivo para a arte autêntica, criadora de uma cultura medíocre.

dotados de genialidade, que causasse aos alunos uma conscientização, levando-os a perceberem a importância de si levar a sério sua língua materna. Só assim, na visão do filósofo, os estudantes se desprenderiam do falso conhecimento repassado pelos jornalistas, e alcançariam uma cultura autêntica. Para que este processo educacional ocorra de modo positivo é exigida dos mestres maior severidade e uma análise crítica nos clássicos atuais, observando se os mesmos possuem um verdadeiro sentimento artístico, voltando-se para a verdadeira educação formal livre de personalidade.

Mas enquanto tratem a língua materna como se ela fosse um mal necessário ou um corpo morto, eu não poderei incluir estes estabelecimentos de ensino entre as instituições consagradas a verdadeira cultura (NIETZSCHE, 2004, p. 86).

Mas qual seria neste caso a tarefa de um estabelecimento de ensino de alta qualidade? Para a existência de uma cultura, é necessário que os indivíduos aprendam determinadas regras, adquiram certos hábitos e comecem a educar a si mesmos. O que Nietzsche pretende é resgatar a “autenticidade alemã”, cujo espírito está ligado à tradição grega, capaz, por sua arte, de enfrentar a missão suprema, ou seja, a de libertar o homem da maldição moderna, e para que isso ocorra o homem deve reaprender muito sobre sua cultura, arrastando nesta luta uma escola como diria o filósofo, voltada para a verdadeira cultura, inflamando nos ginásios, a nova geração ascendente para o que é verdadeiramente alemão. Esta é uma possibilidade futura vista por Nietzsche, conciliar esta cultura clássica sob o solo natural de suas manifestações, purificando e renovando este espírito alemão. Só assim segundo o mesmo, afastaria dos alunos este fantasma até agora chamado de “cultura” e “educação”: “Educar os educadores! Mas os primeiros deviam educar-se a si mesmos! E é para eles que escrevo” (NIETZSCHE, 2004, p. 7).

São justamente os melhores, aqueles que são dignos deste título pela sua honra, que deveriam, segundo Nietzsche estar à frente dos ginásios, afirmando que os professores dos mesmos distanciavam-se da tendência clássica, acarretando nestes estabelecimentos um desligamento de sua língua materna. Portanto, não é a cultura de massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos como diria Nietzsche, das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão. E para que se alcance determinado fim se faz necessário que o homem rompa com esta atmosfera do mundo das necessidades, só assim o homem seria capaz de saber o quanto estima sua existência, liberando seu desejo enquanto potência, como

diria Nietzsche no livro Assim falava Zaratustra, dar voz àquele que desejou existir: “o super-homem”, um homem supremo que deveria revolucionar o mundo das necessidades e satisfazer primeiramente o seu “Eu” (cf. NIETZSCHE, 2004, p. 97).

De tal modo, para resgatar esta liberdade segundo Nietzsche que a muito foi perdida, é necessário entrar nos campos de concentração, lá os jovens poderão aprender tudo aquilo que lhe foi tirado por direito na “liberdade da esfera acadêmica”, isto é, sendo guiados por grandes guias, pois o caminhar para a cultura começa com a obediência, com o orgulho de lutar por sua pátria libertada, lutar contra todo e qualquer tipo de opressão, jurando defender a honra e a virtude de ser um cidadão alemão.

O que Nietzsche tenta nos apresentar é que toda e qualquer cultura ao contrário de tudo o que se elogia hoje com o nome de “liberdade acadêmica”, começa com a obediência, com a disciplina, com a instrução, com o sentido do dever.

De tal modo, para que o alemão volte a ser um alemão, é necessário que os mesmos cultivem os heróis nacionais e alimente o sonho de uma Alemanha unificada, livre de falsos preceitos, despertando deste sono dogmático de uma falsa cultura, pois a tendência da cultura por mais que esteja rejeitada por seus indivíduos, a mesma encontra-se viva, e um dia despertará dentro de cada ser o desejo de libertação, pois existe uma aliada maior e mais poderosa neste impasse: a “natureza” pois a mesma é uma confirmação da vontade que embora seja desprezada por alguns homens um dia a mesma se encarregará de despertar dentro de cada um o desejo de libertação.

SOBRE O FUTURO DOS NOSSOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

O discurso de Nietzsche na primeira conferência começa como o diálogo do ancião e seu companheiro, despertando a atenção dos jovens que ali estavam presentes ouvindo atentamente o que os mesmos diziam: “A natureza, o crepúsculo, os sons da floresta, as luzes e as sombras e a visão do Reno dão uma dimensão fantasmagórica ao cenário do diálogo” (NIETZSCHE, 2004, p.13).

O filósofo e o discípulo falam sobre os problemas da cultura e da educação pois o diagnóstico básico de Nietzsche relativo à educação de sua época pode ser resumido através de dois conceitos, cultura e ciência. Segundo o filósofo, os estabelecimentos de ensino só tratam de cultura na aparência, pois, na realidade, sua preocupação central é

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 23-35
--------------	-------	------	-----------------------	----------

com a ciência. Ambos os conceitos dizem respeito à educação, mas segundo o discípulo, o fato de a concepção científica de educação estar ocupando os espaços educacionais decorre da interferência do Estado e da ciência em suas diretrizes. Em consequência, o jornalista assume o papel do sábio, pois este se torna o mestre do momento.

A segunda conferência retoma o diálogo entre as relações de cultura e educação, tendo como centro motor das tendências de todos os outros estabelecimentos de ensino, o ginásio, onde o velho filósofo afirma que é necessário salvar o ginásio do modelo pedagógico exposto até então, pois o processo pedagógico em especial dos ginásios, que formam estratégias que deveriam funcionar como ponto de partida para a formação do homem cultivado, não fornece subsídios para desempenhar esta tarefa de uma cultura superior.

A pedagogia moderna nestes estabelecimentos eram então um misto de erudição e futilidade, de cientificismo e jornalismo, ela ajuda tão somente a formar os servidores do momento, mas não concorria absolutamente para formar os homens exigidos por uma cultura elevada, como protagonistas de um destino superior. (NIETZSCHE, 2004, p. 16)

Aqui está o problema dos ginásios alemães, pois os especialistas do momento (jornalistas) estão sem dúvida distante dos modelos pedagógicos, achando estar seguindo e fecundando nestes alunos uma “fecundidade do caráter natural” de um verdadeiro sistema educacional. A etapa de desenvolvimento do aluno do ginásio exigia métodos contrários aos recentemente impostos. De tal modo, o filósofo afirma que o ginásio alemão de 1872 era um falso estabelecimento de ensino. Por pretender formar para a cultura, mas voltava-se para a formação erudita. No final das contas, segundo Nietzsche, o ginásio não formava sequer para a erudição, pois os estudantes saíam tão despreparados, alienados, que nem se quer eram capazes de enxergar a barbárie que os mesmos foram submetidos.

Nietzsche nos mostra no decorrer de sua obra duas correntes opostas que dominam os estabelecimentos de ensino do século XIX: por um lado, a tendência de entender tanto quanto possível a cultura, por outro lado, a tendência de reduzi-la e enfraquecê-la. De tal modo, podemos perceber que a primeira tendência, a cultura deve ser levada a círculos cada vez mais amplos, e a segunda exige da cultura um abandono de sua soberania submetendo-se assim como um súdito a outra forma de vida, voltada exclusivamente as exigências estabelecidas pelo Estado.

Refletindo acerca destas duas tendências, a extensão e a redução, Nietzsche traz consigo a esperança de uma possível vitória, visto que estas duas tendências são contraditórias aos desígnios constantes da natureza, por tanto à concentração da cultura num pequeno número é uma lei necessária da natureza. Percebemos que Nietzsche escreve um livro voltado para o presente e para os que acreditam ser os problemas contemporâneos, pois o mesmo faz uma relação constante entre o presente e o futuro afirmando que nem tudo estaria perdido, e podemos encontrar no futuro novos métodos educacionais que promovam um novo conceito de educação.

Mas, nem tudo estar perdido ainda existem entre os homens desta época, aqueles cujas disposições são nobres e calorosos de sentimentos, um acordo tático: cada um deles sabe o que precisou sofrer por causa da situação da cultura na escola, cada um desejará libertar pelo menos seus herdeiros desta opressão, ainda que ele próprio deva ser sacrificado (NIETZSCHE, 2004, p. 78).

A terceira conferência articula-se com a segunda, através da retomada das relações entre a finalidade de formação para a Cultura Clássica e o ensino do alemão, no ginásio, pois o Estado moderno necessitava de pessoas qualificadas para ocupar os novos postos da sociedade industrial.

Uma forma de resgatar esta cultura clássica abordada por Nietzsche que a muito fora esquecida pelos alemães é resgatar o respeito pela língua materna, assim como faziam os antigos gregos e romanos com sua cultura, pois estes tratavam com seriedade, orgulho, e vigor artístico sua língua materna. O que Nietzsche pretendia não era construir uma cultura baseada nos antigos gregos era fazer com que os alemães olhassem para a Antiguidade e observassem o valor que os mesmos davam a sua cultura, a sua língua materna, os seus costumes, e fazendo tal análise pudessem valorizar os gênios da modernidade, pois cada sociedade e cada época têm os mestres que merecem. Este é o plano educacional que deveria ser adotado pelos ginásios alemães, pois a cultura começa por um caminhar correto da língua, e para resgatar esta “cultura clássica”, se faz necessário segundo Nietzsche se apoiar nos pilares da Antiguidade, pois é pelo uso correto da língua materna, pelo orgulho de sua cultura, de seus hábitos e costumes que a Alemanha poderá combater a barbárie cultivada nos ginásios alemães.

Na quarta conferência, o filósofo fala dos duvidosos fins da educação e da cultura, sobre o Estado cultural e o jornalismo:

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 23-35
--------------	-------	------	-----------------------	----------

Tu és um homem de cultura degenerado! Nascestes para a cultura, mas foste educado pela incultura! Tu és um bárbaro impotente, escravo do dia, atado pela corrente do momento faminto - eternamente faminto (NIETZSCHE, 2004, p. 154).

Nietzsche afirma que os estabelecimentos de ensino alemão acarretavam em si um caráter duvidoso, pois os estabelecimentos de ensino de sua época estavam predestinados a cultivar uma cultura duvidosa, distanciando-se da verdadeira cultura, ou seja, a cultura aristocrática. De tal modo, percebemos que a intenção de Nietzsche não é dar soluções imediatas para o estado de calamidade educacional de sua época, o que o mesmo denuncia é este padrão de cultura que cerca os alemães, pois esta cultura nada mais é como diria o filósofo, uma “cultura mentirosa”. Portanto, não devemos esperar soluções, tudo deve ser destruído em nome de uma verdadeira cultura: “É preciso imediatamente “passar ao ataque” é preciso não fugir, mas enfrentar a situação e superá-la.” (NIETZSCHE, 2004, p. 19).

Na quinta e última conferência Nietzsche não poupa críticas ao ensino superior, segundo o mesmo, o número excessivo de estabelecimentos de ensino superior acarreta um número excessivo de professores que não tem vocação, mas que, pouco a pouco, vão se adaptando a tal situação com seu instinto do *simili gaudet*,² condicionando o espírito destes estabelecimentos: “professor fala, o aluno escuta, “Liberdade acadêmica” é o nome que se dá a esta dupla autonomia: de um lado, uma boca autônoma; de outro, orelhas autônomas” (DIAS, 2001, p. 38).

A filosofia universitária tornou-se, nas mãos de uma multidão de pensadores puros, uma ciência pura, isto é, um pensamento concebido como universal, abstrato, neutro, desvinculado da vida e das forças vitais. E este estilo de ensino pautado na falsa cultura que privilegia a exposição oral do professor e a audição do aluno é, justamente, o oposto do que Nietzsche entende que deveria ser a educação na universidade. Ali, onde se deveria exigir do aluno um treinamento rigoroso, inventou-se a autonomia. Tal autonomia nada mais é do que a domesticação do aluno para torná-lo uma criatura dócil e submissa aos interesses utilitaristas do Estado.

Por volta do meio século XIX, vai surgindo ainda lentamente um novo Estado, um Estado “cultural”, sendo um dos mais poderosos Estados modernos, a “Prússia”. Pois a mesma foi a primeira a levar mais a sério o direito de ser o guia supremo em matéria de cultura e de escola, despertando com sua ousadia uma inquietação e insegurança no

espírito alemão. Segundo Nietzsche, nesse momento se viu florescer todas as regras que impulsionam o maior número possível de alunos a uma educação pelo ginásio: o Estado empregou um novo serviço militar, e com o sucesso perspicazmente surgiu a necessidade da criação de novas escolas, pois na Prússia, o ginásio é considerado, acima de tudo, um intermediador de certo grau e honra.

Este é um fenômeno novo acima de tudo que já existiu até em tão, e de todo caso original, pois o Estado aparece como um mistagogo da cultura e ao mesmo tempo constrói, podemos assim dizer, seus próprios pilares, ou seja, seus próprios fins, pois a Prússia conduz a todos os seus servidores a só se apresentarem munidos da luz da cultura universal do Estado: e é sobre esta luz, embora ainda turva, que eles devem reconhecer o objetivo supremo de todos os seus esforços, caminhando em direção à cultura.

A partir destes fenômenos Nietzsche percebe que pouco a pouco é lançada uma filosofia em prol do Estado, visando os objetivos do mesmo: a tendência da filosofia hegeliana, pois a Prússia se apropriou com sucesso da parte válida da herança da filosofia hegeliana atingindo seu ápice nesta submissão, tendo sua organização educacional discutida e admirada por outros Estados.

O Estado não era para aquela cultura um guarda de fronteiras, um regulador, um superintendente, mas o companheiro de viagem, e o companheiro de andar vigoroso, forte, disposto ao combate, que escoltava através das rudes realidades o seu amigo mais nobre e, por assim dizer, quase divino, pelo qual se tinha admiração e do qual ele recebia em troca o reconhecimento (NIETZSCHE, 2004, p. 116).

Nietzsche certamente faz alusão ao princípio de Hegel, afirmando que o real é racional e o racional é real porque entende que a realidade devidamente compreendida já é a própria razão e que esta não é mais além do aquilo que deveria ser. Pois, é justamente o irracional que parece agora ser a única coisa real, ou seja, a única coisa existente, tida como a verdadeira cultura histórica. Em decorrência disso a própria filosofia foi banida da Universidade: com isso acreditava ter dado maior valor as universidades com relação à cultura, pois os nossos estudantes autônomos não necessitam da filosofia e muito menos da arte.

De tal modo, o estudante moderno não estava apto para a filosofia, porque é mal preparado, privado de instinto artístico e que diante dos gregos, como diria Nietzsche não passa de um bárbaro imaginando ser livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que Nietzsche via na modernidade o coroamento da barbárie, cujo efeito na esfera da educação acabava por conservar os estudantes na ignorância das questões filosóficas ligadas ao sentido da existência, alimentando nos estudantes o conformismo.

Analisando as críticas de Nietzsche sobre o número excessivo de estabelecimentos de ensino da modernidade, e a má formação dos indivíduos, percebemos que hoje, no atual mundo contemporâneo, encontramos instituições de ensino superior que prometem uma educação de qualidade, no entanto, os estudos comprovam que há uma defasagem na qualidade de ensino nesses estabelecimentos, mas como a sociedade demanda cada vez mais de profissionais com diplomas de ensino superior, a tendência é surgir cada vez mais instituição superior.

O jovem professor Nietzsche sonhava com uma educação que formasse e não apenas profissionalizasse, pensava em uma cultura ligada a vida, uma educação como diria o filósofo, rígida, que tratasse com seriedade e respeito sua cultura. E para obtermos esta finalidade seria válido, em nossa ótica, para que essa situação desajustada fosse corrigida como diria Nietzsche, refletir mais sobre a necessidade de uma formação, uma formação mais profunda e mais longa dos profissionais. Uma educação que não visasse apenas às necessidades deste mundo tecnicista, que valorizasse como diria o crítico filósofo, a genialidade de cada ser. Uma educação que preparasse também para a vida, formando cidadãos críticos, ousados, homens esclarecidos. Uma educação que defendesse o gosto sofisticado da arte e da verdadeira cultura.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2004.

DIAS, Rosa Maria. Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche. In: *Impulso*, Piracicaba, v. 12, n. 28, p. 33-40, 2001.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 23-35
--------------	-------	------	-----------------------	----------